

reportagem cultural

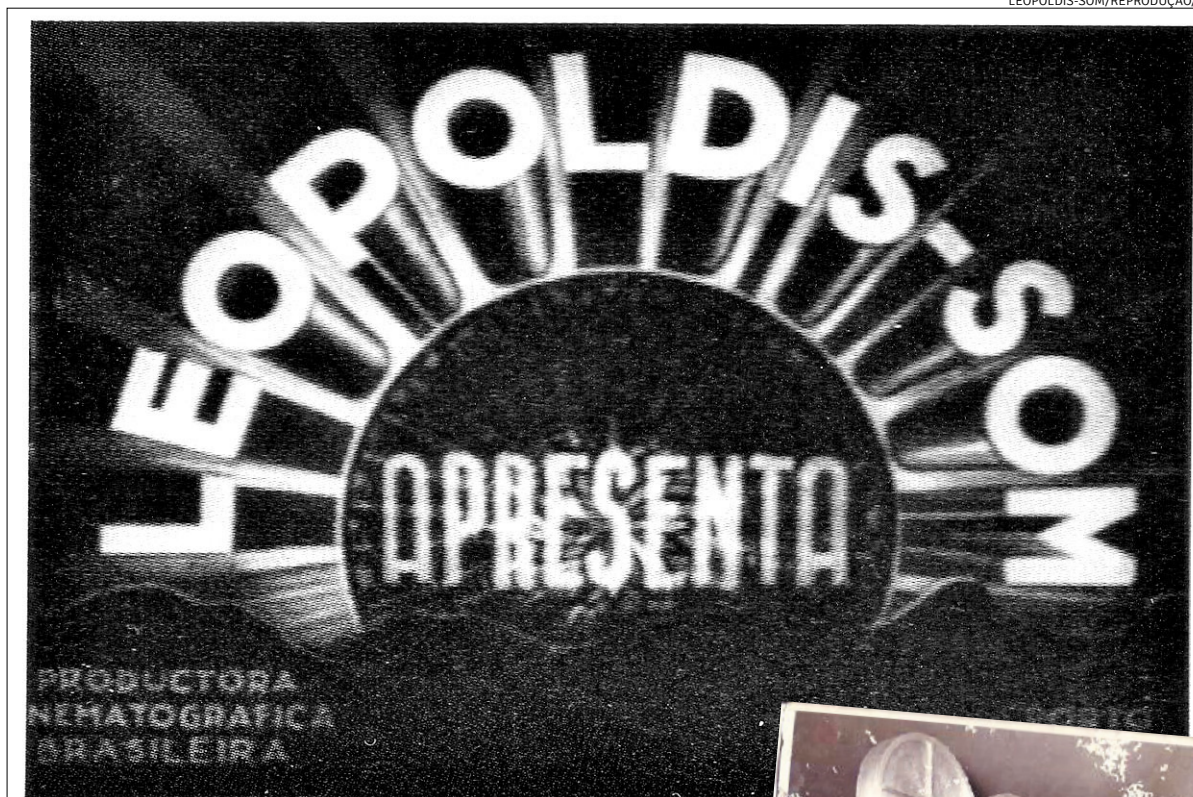
The Great Fregoli, Il Piccolo Leopoldis

Daniel Rodrigues*

Em 16 de agosto de 1914, o jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, anunciava as atrações do espetáculo de variedades, que ocorreria a partir daquele dia no Theatro Republica, no Centro da cidade, em elegante português da época da República Velha: “Cabeça fallante / Leopoldis / Estréa: O desaparecimento mysterioso de um Cavallo vivo / A caixa mysteriosa / Telepathia e auto sugestão”. Esta era parte do programa que a família Majeroni levaria aos palcos cariocas. Dentre eles, estava o jovem Italo Victor Emmanuel Majeroni, pouco mais de dois meses antes de completar 26 anos, a 23 de outubro.

Oitavo e último filho de Napoleone (1842-1918) e Adelai-de Bruno (1845-1916) e irmão de Achille Edoardo (morto ainda criança), Oreste, Augusta, Amedeo, Achille, Edoardo e Manlio, ele começara na companhia mambembe familiar como “macchiettista musicale” (algo como “caricaturista de números musicais”) e dava os primeiros passos como comico e transformista. Somente nos primeiros anos do século 20, a Cav. A. Majeroni já havia excursionado pela Europa e Ásia, passando por Grécia, Espanha, Itália, Egito e Turquia - neste último em Constantinopla, onde apresentaram-se, inclusive, no teatro do palácio do sultão Abdul-Hamid.

Naquela temporada no Rio



Empresa rodou centenas de filmes com câmera fabricada por Italo Majeroni

de Janeiro - a qual teve na plateia o então presidente Hermes da Fonseca - e já tendo passado por diversas capitais e cidades brasileiras, o nome “Leopoldis” já constava na programação como sendo o “celebre comico parodista excêntrico musical”. Era o próprio Italo Majeroni, que havia adotado o pseudônimo numa homenagem a seu ídolo, o transformista italiano Leopoldo Fregoli (1867-1936), o “grande Fregoli”. Espécie de pop star do início do século 20, Fregoli dominava

todos os recursos teatrais, mímica, ilusionismo, prestidigitação, pantomima, magia, ventriloquia, canto e acrobacia. Como descreveu a Revista O Globo, “aquele transformista que foi o maior de todos os tempos e representava a ópera *Fausto* sozinho”.

“Talvez a chave para se entender porque Italo Majeroni adota o nome Leopoldis venha de sua admiração por Fregoli e pela arte do transformismo, pois o nome

completo do artista é Leopoldo Fregoli. Daí poderia ter nascido o Leopoldis, uma reverência de Italo ao ‘grande Fregoli’”, supõe Glênio Póvoas no artigo *A história do cinema gaúcho é contínua*, de 2007.

A história de Fregoli, assim como ocorreria com Majeroni, também tem ligação com o cinema. Em 1898, ele adquire um Cinematógrafo Lumière depois de uma visita a Lyon e roda com o aparelho uma série de filmes, os quais exhibe em seus espetáculos com o título *Fregoligraph*. Um ano depois, valendo-se de suas habilidades transformistas, ele interpretaria 20 personagens no filme *L’homme protégé*, do famoso pioneiro do cineasta fantástico, o francês Georges Méliès.

A ligação de Majeroni com Fregoli realmente parecia mágica. Como em cinema. Em 1904, naquela marcante *tournee* por Constantinopla, Majeroni, então com apenas 15 anos, já referenciava seu ídolo. Porém, como ainda não se julgava à altura dele, achou mais sensato assinar como “Il Piccolo Fregoli” (“O Pequeno Fregoli”, em tradução do italiano).

Mas seus destinos haviam de se cruzar novamente. Coincidentemente, ambos excursionavam pelo Brasil de forma concomitante em agosto de 1915: Leopoldis, com a trupe Majeroni, no Cine-Theatro Coliseu, em Rio Grande, e Fregoli, a 1.801,7 quilômetros de distância, no Rio de Janeiro, onde encontrava-se em cartaz. Isso, no mesmo e fatídico ano em que Majeroni, já no Nordeste, daria início à carreira cinematográfica seguindo os passos do seu mestre.



ACERVO MUSEU DO TRABALHO/REPRODUÇÃO/JC

Vivo ou morto

Obstinação era uma marca de Italo Majeroni. Também pudera, para alguém que, em cerca de seis décadas, construiu uma das mais singulares trajetórias do cinema gaúcho e brasileiro do século XX. Após filmar como ator, no Rio de Janeiro, o longa dramático *Vivo ou Morto*, de Luiz de Barros, em 1916, e do breve período em Recife, Majeroni se estabelece em Porto Alegre nos anos 1920. Seu primeiro contato com a cidade havia sido em agosto de 1912, quando esteve no Theatro São Pedro, ainda como ator teatral. Agora, porém, a saga era como produtor e cinegrafista. Para ele, era caso de vida ou morte.

Astúcia não faltou. Um dos primeiros trabalhos da então Leopoldis-Film em Porto Alegre teria sido a filmagem das obras do Cais do Porto, em 1924, encomendada

pelo presidente do Estado (governador) Borges de Medeiros. “Não se tem registro de outras filmagens de Leopoldis nos anos 1920, até o documentário longo *A revolução de 3 de outubro*, de 1930 (foto), do qual só restam fragmentos”, explica Glênio Póvoas. Com a exibição, em junho, do curta-metragem sonoro *A Festa da Uva de 1937*, inicia-se a nova e segunda fase da empresa, marcada pela intensa produção de filmes institucionais, inclusive com a fabricação de equipamentos próprios. A base de sustentação da produtora era o documentário de encomenda, tendo como grande cliente o governo estadual e suas secretarias, órgãos e departamentos, como Daer, CEEE e Brigada Militar, bem como empresas, prefeituras e instituições.

Havia quem pegasse junto

nesta obstinação: os “braços direitos” Derly Martinez e Fleury Bianchi. Martinez começa como iluminador na Leopoldis-Som nos anos 1940 e exerce todas as funções em menos de dez anos

até tornar-se sócio. O filho, o médico Denis Martinez, relembra de uma epifania de seu pai em relação ao fazer cinematográfico. “Tem uma história que o pai sempre contava, que ele, com 7 anos, certa vez passeava na rua com sua mãe e achou no chão o fotograma de um filme. Com aquilo na mão, ele disse: ‘eu ainda vou trabalhar com cinema’. Aos 14, ele já fazia iluminação e câmera na Leopoldis, filmando depois por todo o Rio Grande do Sul”, recorda.

Bianchi, por sua vez, era parceiro de trabalho de longa data de Leopoldis, auxiliando-o pelo menos desde 1937. Ele e Martinez são responsáveis pela fotografia de dezenas de trabalhos da produto-

ra até assumirem, juntos, nos anos 50, a presidência da agora Cinegráfrica Leopoldis-Som. Nesta fase, também entra na empresa Odone Silveira, primeiro como cinegrafista e pau-de-luz e, posteriormente, nas funções de sócio-gerente e laboratorista.

De fato, aquele foi um momento de grande produtividade da Leopoldis-Som. “A partir de 1954, período de Martinez à frente da empresa, a produção ganha um novo impulso, mais perto de uma noção industrial”, observa Póvoas. Nesta terceira fase, de tão pujante, teve de se aumentar a equipe para dar conta do crescimento da produção. Nos anos 1960, a Leopoldis-Som vai produzir também muita publicidade, e é quando decidem apostar em um nicho ainda não explorado por eles: o de filmes de ficção. De novo, a obstinação.



ACERVO MUSEU DO TRABALHO/REPRODUÇÃO/JC